

Pergaminho Científico

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O 7º ENCONTRO DE JOVENS CIENTISTAS

11 DE NOVEMBRO DE 2016 • Nº 8 • SALVADOR/BA



ESTIMULAR A CARREIRA CIENTÍFICA É UM ESFORÇO SOCIAL E CIDADÃO

Em sua sétima edição, o Encontro de Jovens Cientistas dissemina a ideia de ciência como cultura e inspira as vocações científicas de estudantes da educação básica.

"Incentivem os estudantes e filhos de vocês a gostar e se interessar por ciências!". Foi com estas boas vindas que Rejane Lira, coordenadora do Encontro de Jovens Cientistas (EJC), deu início ao evento. Em sua sétima edição, o Encontro tem mais de 500 participantes de mais de 15 instituições do ensino público e privado, desta vez com o intuito de, além de promover a divulgação científica de jovens estudantes, disseminar a ideia da ciência como cultura.

Para a abertura do evento, a Universidade Federal da Bahia foi representada pela bióloga Sueli Almuiña, diretora do Instituto de Biologia da UFBA. De acordo com a pesquisadora, o EJC valoriza não só os estudantes, mas também a docência, e pode ser um caminho de estímulo para que jovens sigam carreiras científicas: "aqui estão as possibilidades de emergência de vocações de nossos futuros cientistas". Sueli ressaltou a importância do evento para que os estudantes tenham visão de como se constrói o conhecimento científico.

O Ano Internacional das Leguminosas, decretado pela ONU em 2016, foi representado na mesa de abertura pela bióloga Bárbara Rosemar, professora da rede pública

do Estado da Bahia e doutora em botânica. Explicando sobre a importância desta comemoração, Bárbara explicou como as leguminosas são fundamentais além da alimentação. A pesquisadora também falou sobre o assunto destacando como o Ano In-

espírito com essas plantas".

Está na programação do evento a apresentação de mais de 120 trabalhos, e o lançamento de mais um número da Revista Jovens Cientistas, publicação de divulgação científica para a juventude. A estudante Renata Carla Macedo, do Colégio Estadual Ana Cristina Prazeres Mata Pires, foi a representante dos estudantes na mesa de abertura do evento, e falou sobre o significado da sua participação no Encontro: "É a minha segunda vez no Encontro, estou muito feliz. Esse evento representa para mim muito esforço e determinação, é uma oportunidade de mostrar que somos capazes de tudo. É uma grande inspiração estar com vocês aqui hoje representando os alunos, muito obrigada!".

O Prêmio Jovem na Ciência premiará os melhores trabalhos de cada categoria na cerimônia de encerramento do Encontro. Para Rejane Lira, muito além de científico, o evento representa um esforço social e cidadão: "Testemunhamos o crescimento de estudantes que chegam tímidos e inseguros e se transformam movidos pelo desejo pelo conhecimento, só tenho a agradecer pela participação, concluiu.



ternacional das Leguminosas pode aumentar a consciência pública sobre benefícios que elas podem trazer, além de relembrar os seus benefícios para a saúde: "Na nossa vida basicamente vivemos das leguminosas, não só na comida, está muito além da alimentação, alimentamos a nossa mente e

Editorial

Estimados Estudantes, Professores, Conferencistas, Pais e demais participantes, Temos o prazer de dar as boas vindas, em Salvador da Bahia, a todos os participantes do Encontro de Jovens Cientistas (EJC), que está este ano na sua sétima edição!

Este ano, iniciamos uma nova década tendo como meta a Ciência como Cultura! Um grupo de professores e estudantes há 11 anos tem se reunido na Universidade Federal da Bahia, sob a nossa Coordenação, para executar o Projeto "Ciência, Arte & Magia", que depois recebeu o nome de Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica da Bahia e tem gestado nosso sonho. Não tem sido fácil, pois há onze anos isso era absolutamente inovador numa Instituição de ensino superior.

Logo no início tive o apoio do Dr. Isaac Roitman, o idealizador do Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior no Brasil, a quem tenho grande apreço e admiração. Este ano ele está conosco e vamos festejar! A nossa principal produção é, sem dúvida, testemunhar o crescimento dos estudantes, que muitas vezes chegam tímidos e inseguros, mas com brilho nos olhos e aqui se transformam movidos pelo desejo pelo conhecimento.

Este ano, comemoramos o lançamento, durante o evento, de mais dois números da Revista Jovens Cientistas. Cada Revista representa um degrau que conquistamos em direção a um sonho que virou realidade: incentivar jovens cientistas, seja da educação básica ou do ensino superior, a criar o gosto por comunicar suas pesquisas para o público em geral e incentivar o público em geral, especialmente jovens, a ler sobre ciências.

Aproveitem a Universidade Federal da Bahia, que abre as portas para nós com 70 anos de história, orgulho de todos os que moram na cidade do Salvador da Bahia, berço da ciência e da cultura na Bahia.

Rejane Lira

Profª. Drª. Rejane Maria Lira-da-Silva
Coordenadora do 7º Encontro de Jovens Cientistas



NOAP UFBA CELEBRA ANO INTERNACIONAL DO ENTENDIMENTO GLOBAL COM AÇÕES DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Laboratório e Museu da Ufba, o Noap uniu os seus projetos internos para realizar atividades educativas no Recôncavo Baiano em 2016.

O Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica (Cam), que organiza os Encontros de Jovens Cientistas, é um dos projetos que integram o Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia (Noap, Ufba), que é um Laboratório e Museu. Durante todo o ano o Noap junta os seus projetos (o próprio Cam, a Sala Verde, a Rede de Zoologia Interativa, entre outros) e realiza ações de divulgação científica em diferentes locais fora da universidade, para cumprir um pilar que é tão importante quanto o ensino e a pesquisa: a extensão.

Em 2016, em comemoração ao Ano Internacional do Entendimento Global, ao Ano Internacional das Leguminosas e ao Ano Internacional dos Camelídeos, o Noap levou para São Francisco do Paraguaçu, comunidade que integra o município de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, o conjunto de ações educativas Viva Simples, Pense Complexo. Além da zoologia viva (com a exposição de animais), oficinas, jogos, kits didáticos e teatro de fantoches integram o conjunto de atividades.

Em diferentes períodos do ano o Noap

leva as ações para a comunidade. Em 2016, as atividades foram levadas em setembro e outubro, em comemoração à Semana Nacional de Museus e à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, ambas celebradas em todo o país. O objetivo, entre outras questões, é o de refletir sobre o tratamento global dos acidentes por animais peçonhentos, considerados como doenças negligenciadas pela Organização Mundial da Saúde, e entender como diferentes países têm enfrentado este problema.

O intuito do Noap a partir da realização das ações educativas está focado em intervir localmente com ações de conscientização, fazendo, primeiramente, um exercício de reflexão

sobre os problemas globais. No caso dos peçonhentos, é urgente a necessidade de refletir sobre a proliferação destes animais, que em algumas regiões são considerados pragas urbanas (como escorpiões e aranhas), sobre o que envolve o tratamento de acidentes com esses bichos e os bons exemplos de políticas públicas relacionadas ao assunto.



ENTREVISTA

ISAAC ROITMAN

"A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA PODE NOS AJUDAR A ALCANÇAR ANSEIOS INDIVIDUAIS"



Criador do Programa de Iniciação Científica Júnior no Brasil, Isaac Roitman é pesquisador da Universidade de Brasília e militante da ideologia de uma educação de qualidade para os brasileiros. Microbiologista, Roitman possui no currículo experiências em universidades internacionais, gestão em instituições de pesquisa, órgãos governamentais e associação à Academia Brasileira de Ciências, mas confessa: "não me adaptei ao sistema educacional da época".

Como um entusiasta da educação científica, renomado cientista nacional e internacional, conte-nos como foi a sua infância e juventude e como ela foi importante para que se tornasse o grande cientista de hoje.

ISAAC ROITMAN: Quando estudei no ensino fundamental e médio, eu não me adaptei ao sistema educacional da época. Eu era um aluno rebelde, contestador a ponto de ser até expulso de um colégio. Estava cursando a faculdade de odontologia, quando tive a sorte de ter um excelente professor de microbiologia, Dr. Paulo de Almeida Machado. Fiquei encantado com suas aulas, ele abriu minha motivação para seguir a carreira científica em microbiologia. Fiz Pós-Graduação, Doutorado em microbiologia, tive referências importantes, como Prof. Amadeu Curi e meu orientador de tese, Dr. Luiz Rodolfo Travasso. Logo depois tive uma experiência de dois anos fora do Brasil, trabalhando nos EUA em Nova York e Israel, na Universidade Hebraica. De volta ao Brasil fiquei no Instituto de Microbiologia no Rio de Janeiro e depois fui para a Universidade de Brasília em 1972, onde desenhei a construção do laboratório de microbiologia e fiquei fazendo pesquisas até minha aposentadoria. Este laboratório era frequentado por vários estudantes, inicialmente de graduação que faziam uma iniciação científica e depois abri as portas para estudantes de ensino médio. O sucesso desse feito foi muito importante para o estabelecimento do Programa de Iniciação Científica Júnior criado em 2004, para que estudantes do ensino fundamental e médio tivessem acesso ao ambiente de pesquisa.

Em 1995 minha carreira científica praticamente foi interrompida, quando passei a ter experiências em outras dimensões da educação e da ciência e tecnologia como na Universidade Estadual do Norte Fluminense, onde fui diretor do Centro de Biotecnologia e Biotecnologia. Depois tive experiência na Universidade de Moji das Cruzes em SP, onde tive o desafio de implantar a pesquisa e pós-graduação, onde cheguei ao cargo de reitor. Fiz uma pausa para acompanhar o desenvolvimento dos meus netos.

Ao retornar a Brasília, trabalhei na CAPES, depois CNPQ, contribuindo para os programas de educação científica e Iniciação Científica. Depois me chamaram para o

Ministério de Ciência e Tecnologia, onde fui diretor de departamento de políticas, depois fui subsecretário de políticas para crianças no Governo Estadual de Brasília. Me aposentei do serviço público e voltei a Universidade de Brasília onde ajudei a implantar uma revista de divulgação cultural e científica, chamada Darcy, em homenagem a Darcy Ribeiro. Atualmente eu coordeno o Núcleo de Estudo do Futuro da Universidade de Brasília, cuja atividade principal é o movimento 2022 - o Brasil que queremos.

Tratando mais um pouco sobre o Programa de Iniciação Científica Júnior, o que foi necessário para que esse programa se consolidasse? Foi necessária a busca de outros parceiros? Quais as principais dificuldades encontradas? Como foi de fato a concretização do programa?

ISAAC ROITMAN: Houve no Brasil um fato muito importante que foi a criação do CNPQ, foi implantado para estudantes universitários terem acesso ao ambiente de pesquisa. Começou pequenininho, foi evoluindo e hoje temos cerca de vinte mil bolsas de iniciação científica para estudantes universitários, tendo grande sucesso em cursos de pós-graduação ou mesmo em atividades profissionais. Com base em experiências em diferentes partes do Brasil, que incluíam estudantes do ensino médio como o Programa Vocação Científica e outros, levaram a criação do Programa de Iniciação Científica Júnior, com cerca de cinco mil bolsas do CNPQ, além das bolsas das Fundações Estaduais de Apoio e Amparo à Pesquisa para este programa. É muito importante podermos acolher talentos do início do ensino fundamental. Como dificuldade: Não há expansão de números de bolsas tanto de iniciação científica clássica e Iniciação Científica Júnior. Porém há uma compensação, isso é neutralizado pelas pessoas de diferentes universidades e centros de pesquisa que estimulam e fazem essa atividade formadora de recursos humanos.

Em seu livro Educação Científica: Quanto mais cedo melhor o senhor trata de várias experiências bem-sucedidas de educação científica em espaços não formais de ensino. Como podemos definir que educação científica é essa que quanto mais cedo aplicada, melhor?

ISAAC ROITMAN: A base dessa afirmativa é que nosso sistema educacional aniquila as qualidades naturais que as crianças têm, como a curiosidade, a motivação, a imaginação e a criatividade. Quando a criança começa no ensino fundamental, ela é aprisionada em uma sala de aula, em uma aula expositiva e perde essas características. Com uma educação científica precoce, poderíamos introduzir no ensino infantil, uma metodologia que daria base para uma educação científica para nossas crianças, que

seria continuado no ensino fundamental e ensino médio. O projeto Ciência, Arte e Magia na Bahia é um exemplo de grande sucesso e deve ser considerado um projeto referência. Quando se pega um estudante universitário em uma iniciação científica que foi submetido ao modelo educacional atual, que ceifou aquelas qualidades infantis naturais, é muito difícil de se trabalhar. É essencial na formação de todas as pessoas a educação científica, pois estimula as pessoas a pensar e criticar, que é importante não só em uma carreira universitária, mas também na vida cotidiana.

Se fizermos um panorama dos últimos 20 anos do ensino de ciências e questões relacionadas a educação científica e popularização da ciência para a juventude, quais são as diferenças que observamos? Existem realmente modificações importantes? Quais?

ISAAC ROITMAN: A iniciação científica foi uma grande iniciativa. No entanto, na iniciação científica clássica, nós temos 100 mil dos 7 milhões dos estudantes universitários do Brasil. Os outros estudantes não obtiveram um bom ensino de ciências no ensino fundamental, seja por falta de estrutura ou falta de professores capacitados a dar um bom ensino de ciências, ou seja, o ensino de ciências é uma grande lacuna que não tem melhorado nas últimas duas décadas. Primeiro, é preciso formar professores de ciências com uma metodologia que utilize as novas tecnologias da informação e laboratórios bem equipados. A divulgação científica também é bem precária, a maioria da população brasileira não sabe o que é ciência. Existem poucas revistas de divulgação científica e a maioria dos veículos impressos diários não possuem uma sessão de divulgação científica, ou seja, precisamos formar jornalistas com preparo para fazer uma boa divulgação científica.

Nós temos muitas crianças e jovens participantes no Encontro de Jovens Cientistas, dos 8 aos 18 anos de idade. Qual recado o senhor deixaria para esses jovens?

ISAAC ROITMAN: Nós pertencemos ao reino animal e dentre tantas espécies, tivemos o privilégio de ter um cérebro bem desenvolvido, que nos permite pensar e imaginar. Temos que aproveitar essas características, que nos permite elaborar, pensar e criticar, que irão nos conduzir a uma sociedade mais justa e a um uso mais consciente do planeta. Os jovens têm um potencial muito grande e a educação científica pode nos ajudar a ter um mundo melhor e alcançarmos nossos anseios individuais. A felicidade está aí e cada um de nós tem tudo para conquistá-la.



Benin, África



Trabalho no Hospital Universitário de Bembereke



Com uma irula em Mahabalipuram, Índia



No Instituto Pasteur da Costa do Marfim

DO BRASIL PARA O MUNDO: UMA PESQUISADORA E SUAS AÇÕES DE CIÊNCIA HUMANITÁRIA NA ÁFRICA E NA ÁSIA

Rejane Lira, conferencista e coordenadora do 7º Encontro de Jovens Cientistas, conta a experiência de trabalhos e estudos sobre acidentes com animais peçonhentos nos continentes africano e asiático

A abertura da 7ª edição do Encontro de Jovens Cientistas foi marcada pela conferência da Bióloga Rejane Lira, professora da Universidade Federal da Bahia e coordenadora do evento. Há pouco tempo de volta de um curso de pós-doutorado no qual percorreu cinco continentes, a pesquisadora dividiu com os participantes do evento a sua experiência com a Ciência Humanitária nestes locais, um campo de atuação que alia o trabalho do cientista a ações humanitárias em regiões pobres. Rejane realizou atividades em Portugal, Benin, Costa do Marfim, Austrália, Papua Nova Guiné, Índia e Costa Rica.

Duas das experiências de Rejane foram na África – Benin e Costa do Marfim – e na Ásia – Índia. Nos primeiros, foi em parceria com pesquisadores do Instituto Pasteur, fundação voltada ao estudo de doenças e vacinas. Além da realização de atividades humanitárias, pesquisas sobre animais peçonhentos foram feitas em paralelo a essas ações. O objetivo era conhecer globalmente o problema dos acidentes por animais peçonhentos para além da realidade vista no Brasil, nacionalidade da pesquisadora.

De acordo com a bióloga, trabalhar voluntariamente com as ações humanitárias tem impacto na esfera econômica e social de um país: “Isso contribui para uma sociedade mais coesa, através da construção da confiança e da reciprocidade entre as pessoas”, explica. Rejane afirma ainda que o tipo de trabalho serve à causa da paz, pois possibilita a participação de todos.

Quando foi ao Benin, sentiu-se em casa: “estar no Benin é como estar na Bahia, com a mesma gente hospitaleira e de sorriso largo”. No entanto, miséria, fome e doenças perpassam todos os lugares. A pesquisadora contou o momento de grande emoção vivido quando foi à Porta do Não-retorno, monumento que é patrimônio mundial da humanidade e era o último passo para a escravidão de africanos, que partiam para diversos países, entre eles o Brasil.

No Benin, Rejane Lira também realizou trabalho de pesquisa no Hospital Evangélico de Bembereke para compreender os custos do tratamento do ofidismo naquele país. Os resultados foram alarmantes: o tratamento chega a custar em torno de 10 mil reais, e sem condições para pagar por isso, dezenas de pessoas morrem sem assistência. Neste local, o trabalho humanitário envolveu o apoio à equipe de saúde no cuidado e transporte de pacientes com visitas e conversas.

Na Costa do Marfim, Rejane ficou em Abidjan, considerada a 10ª pior cidade do mundo para se viver. No entanto, um povo alegre e trabalhador são a referência do local. O trabalho no país também foi no Instituto Pasteur, visitando unidades de saúde, hospitais e comunidade, conversando com médicos, enfermeiros, farmacêuticos, curandeiros, pacientes e família. O objetivo era compreender o impacto da negligência dos acidentes por serpentes na Costa do Marfim. Já o trabalho humanitário foi auxiliar a equipe de saúde em campanhas como as de vacinação e na de cuidado sobre acidentes com serpentes.

Na Índia, Rejane trabalhou em locais diferentes. Um deles foi Hospital Little Flower, em Angamaly, Kerala. O trabalho foi o de acompanhar o atendimento aos pacientes picados por serpentes. No país, mais de 50 mil pessoas morrem por ano picadas por esses

animais. A pesquisadora também trabalhou no The Madras Crocodile Banks, em Mahabalipuram, Estado de Tamil Nadu, um centro de herpetologia do país.

Lá, acompanhou as atividades educativas e de manejo dos animais, e conheceu o trabalho das Irulas, mulheres que extraem veneno das serpentes para vender aos laboratórios produtores de soro e a instituições que fazem pesquisa com este material. O ofício é passado de geração em geração, e além de abastecer os produtores de soro e grupos de pesquisa com veneno de boa qualidade, garante a renda das famílias e o empoderamento das mulheres indianas.

No término da sua experiência, que ainda perpassou pela Austrália, Portugal, Papua Nova Guiné e Costa Rica, Rejane considerou a experiência como a mais marcante da sua vida como ser humano, cientista e divulgadora da ciência: “Cientistas não vivem apenas das suas pesquisas, podem também viver de sonhos e de que seu saber ajude a manter a paz, promover os direitos humanos, a igualdade entre os sexos e proteger o meio ambiente”, conclui.



Atividade Educativa no The Crocodile Banks



The Mantras Crocodile Banks



Equipe do Hospital Evangélico de Bembereke



No Portão do Não Retorno, em Ouidah, Benin

ROBERTO FIGUEIRA SANTOS



“DEVE HAVER O MÁXIMO DE ESTÍMULO PARA QUE OS JOVENS BAIANOS E BRASILEIROS SE INTERESSEM PELA PESQUISA CIENTÍFICA”

Roberto Santos é um dos conferencistas do 7º Encontro de Jovens Cientistas. Fundador e Presidente de Honra da Academia de Ciências da Bahia, é formado em Medicina pela UFBA e foi professor da instituição como o seu pai, Edgard Santos. Já foi reitor da UFBA, governador da Bahia, ministro da saúde e deputado federal. O pesquisador já presidiu o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e integra a Academia Nacional de Medicina, a Academia de Letras da Bahia, a Academia Baiana de Educação e a Academia de Medicina da Bahia. Confira entrevista!

O senhor tem mais de 60 anos de estudo, trabalho e pesquisa em medicina. Como começou o interesse pela carreira científica? Algo lhe estimulou na juventude?

ROBERTO SANTOS: Desde muito jovem tenho essa curiosidade de pesquisar assuntos que são de interesse da nossa população, principalmente na área de saúde. Sabemos que a nossa população é um pouco alheia a esse empenho de dedicar esforço à pesquisa científica. Fui o fundador da Academia de Ciências da Bahia, e uma das atividades de lá foi fazer uma pesquisa sobre a percepção pública da nossa população sobre o desenvolvimento da ciência. É fácil perceber como o interesse pela ciência ainda é reduzido. Todo esforço se torna necessário para superar essa lacuna da nossa população e tenho tentado entender de modo que venhamos a melhorar neste aspecto.

O Encontro de Jovens Cientistas reúne muitos jovens que realizaram alguma atividade de iniciação científica júnior dentro da escola. O que o senhor acha de jovens já estarem se dedicando à pesquisa na educação básica?

ROBERTO SANTOS: Isso sem dúvida traz um grande benefício, pois a nossa sociedade precisa encontrar apoio quando se empenha pela pesquisa científica e tecnológica. Esse apoio pode se dar de várias formas: pode ser o apoio de quem tenha o convívio com esse ramo da atividade intelectual, pode ser apontando os benefícios que podem vir no desenvolvimento de uma carreira que começa tão jovem e depois cresce e pode realizar uma atividade que seja muito importante para toda a vida da pessoa.

A Academia de Ciências da Bahia tem sido muito importante para trazer à tona diversas questões relacionadas à ciência em nossa sociedade. Nesses últimos anos, como foi o trabalho da Academia do ponto de vista da divulgação científica, um fator tão importante para aproximar os jovens da ciência?

ROBERTO SANTOS: Conseguimos reunir um grupo com um pouco mais de 50 pessoas que fazem parte das nossas universidades

e de outras entidades como da área das artes, por exemplo, em que se pode entender trabalhos de pesquisa que sejam importantes e interessantes para a nossa comunidade. Essa variação de campos de trabalho foi muito importante para a Academia de Ciências justamente porque encontramos estímulo de pessoas que se dedicam a setores diversos da pesquisa mas que têm em comum o interesse de buscar a inovação, buscar coisas que sejam diferentes da rotina, e quando você encontra pessoas com disposição para isso, devemos agregá-las.

Existem planos de execução futuros da Academia de Ciências da Bahia do ponto de vista da divulgação científica?

ROBERTO SANTOS: Sim, sobretudo dentro das universidades é necessário promover essa ideia de que a população baiana e brasileira precisa estar mais esperançosa em relação à busca de resultados quando se propõe a idealizar novidades e analisar possibilidades que venham a ser encontradas e ainda não tenham sido devidamente exploradas.

O senhor participou do 3º Encontro de Jovens Cientistas em 2012 e 4 anos depois está participando do 7º Encontro. Como o senhor enxerga este tipo de evento que reúne tantos jovens dentro da universidade em relação ao estímulo pela ciência dentro da escola e em relação a estimular estes jovens a seguirem carreiras científicas?

ROBERTO SANTOS: Este trabalho deve ser estimulado de toda forma e tudo aquilo que pode contribuir para despertar para a juventude a importância deste tipo de inovação em todos os campos do saber. A distribuição de empregos, a identificação de concursos e outros trabalhos são necessárias para que possamos estimular aqueles que são mais promissores.

Se fizermos um panorama dos últimos 20 anos em relação ao ensino das ciências e à divulgação da ciência, o senhor consegue

enxergar diferenças, pontos em que as coisas melhoraram e pontos em que ainda são necessárias algumas modificações?

ROBERTO SANTOS: É claro que não há limite para esse estímulo. Tudo aquilo que for idealizado, esteja sendo aplicado ou ainda nascendo na mente de algum dos nossos colaboradores, merece ser estimulado de alguma forma. Sem dúvida tem havido progresso. Sabemos que à medida que a economia vai se desenvolvendo, nós devemos encontrar formas de buscar o estímulo da juventude para que reconheça a importância deste esforço e contribua para isso.

Qual o papel da universidade dentro desse panorama?

ROBERTO SANTOS: É fundamental. É da maior importância. A universidade deve existir para ensinar e também para estimular a busca de ideias novas. A universidade existe em grande parte para isso. Enquanto nós tínhamos as faculdades isoladas, elas tinham um sentido profissionalizante muito forte, elas existiam para formar médicos, engenheiros, bacharéis em direito, administradores, professores... Eram sobretudo estimuladas à formação de pessoal, o que é também uma necessidade muito grande e uma responsabilidade imensa. Mas quando as faculdades diferentes se uniram e formaram uma universidade, este sentido de pesquisa foi muito estimulado e foi nesse sentido que de algumas décadas pra cá o Brasil tem se desenvolvido.

Qual recado de estímulo deixaria para os nossos jovens para que continuem a busca pela ciência dentro e fora da escola?

ROBERTO SANTOS: Se compenbrem da importância e do significado deste esforço e se dedique a ele de toda forma sempre que possível, buscando apoios que sirvam para intensificar aquilo que está despertando neles e que é merecedor de todo apoio e estímulo. Agradeço a vocês a oportunidade de oferecer esse estímulo, que está na raiz de muito do que eu tenho procurado fazer para que a população brasileira tenha uma percepção cada vez mais clara e profunda deste sentido de inovação na pesquisa.

ELIANE AZEVEDO

Primeira mulher a ser reitora da UFBA, Eliane Azevêdo venceu a poliomielite paralisante quando criança, e apesar das sequelas, reaprendeu a andar e percorreu a carreira de médica e pesquisadora, sem privilégios pela sua deficiência. O interesse pela ciência começou desde cedo e culminou numa das grandes carreiras femininas na Bahia e no Brasil.



O Como surgiu o seu interesse pela Ciência? Teve alguma coisa na sua juventude que lhe motivou?

ELIANE AZEVEDO: Quando fazia o ginásio entrei numa livraria e encontrei um livro intitulado “O Átomo” do Drº Fritz Kahn que era um livro que falava sobre o átomo, os elétrons, o universo e me criou um fascínio pois nunca imaginei que a matéria era constituída de átomos. Eu devia ter nessa época 15 anos, na década de 50, e senti que ser pesquisadora e procurar entender as coisas do universo despertou o fascínio em mim e eu nunca mais me afastei desse fascínio, esse foi o primeiro ponto.

Daí, embora o despertar do livro seja mais para área de física, as circunstâncias me levaram para outra área. Meu pai era dentista, tinha muitos amigos médicos e tive muitos contatos com médicos na primeira infância, porque tive poliomielite na forma paralisante quando tinha 4 anos de idade. Fiquei 2 anos sem andar. Reaprendi a andar aos 6 anos, então esse contato com a medicina despertou em mim a curiosidade por ela. Na época do vestibular não tive dúvida que queria fazer medicina e que também queria ser pesquisadora. Essas duas coisas eram muito claras na minha vontade, não tive dúvida.

Então desde o primeiro ano do curso de medicina eu procurei me aproximar de laboratórios onde as aulas práticas eram preparadas e me aproximei da histologia. Pedi aos professores para examinar alguns ratinhos, fazer necropsia nos ratos, ajudar a preparar as lâminas para aulas práticas... Eu trabalhei com histologia na UFBA e também com o professor Nelson Sena, na Escola Bahiana. Comecei a frequentar o Hospital das Clínicas e fui fazer pesquisa sobre a orientação do Professor Roberto Santos que fazia um trabalho junto com pesquisadores dos Estados

Unidos. Estagiar junto com o Professor Roberto Santos foi a realização de um sonho.

No caminho da graduação até a pós-graduação, consegue relatar algum momento de dificuldade por ser mulher ou isso não aconteceu na sua história?

ELIANE AZEVEDO: Quando eu fiz vestibular, no meio da década de 50, foram 53 aprovados, dos quais apenas 5 eram mulheres. Embora a primeira mulher médica do Brasil se graduasse aqui, ela só foi graduada 80 anos depois, porque as mulheres não eram permitidas a ascender ao curso superior, somente em 1887 foi que se permitiu o acesso de mulheres para o curso superior. A minha vida sempre foi de muitos desafios. Existia o preconceito por ser mulher e o preconceito por ser deficiente física, porque fiquei com sequelas da poliomielite que tive quando criança. Na minha juventude, o preconceito contra o deficiente físico era muito maior do que contra a mulher. Hoje mudou muito, o deficiente físico tem um espaço social assegurado e o respeito da sociedade, e na minha época não tinha nada. Enfrentei os plantões de 24 horas sem nenhuma estrutura, mas se eu escolhi enfrentar a estrutura, entendi que eu deveria enfrentá-la como todo mundo, sem privilégios. Uma vez uma professora, ainda no ensino fundamental, disse que eu não iria aguentar fazer medicina por causa das minhas pernas, mas aquilo entrou num ouvido e saiu no outro.

Receberemos no 7º EJC jovens quem estão na educação básica e desenvolvem pesquisa de iniciação científica. Em sua opinião de cientista, qual a relevância de um evento como esse na universidade?

ELIANE AZEVEDO: Eu fico muito feliz que os jovens do século XXI encontram pessoas que dão apoio a esse tipo de abertura, onde eles têm um espaço para desenvolver as ideias de ciência e pesquisa. Fiz essa caminhada praticamente sozinha com o grande apoio do professor Roberto Santos. Esses jovens têm a grande felicidade em ter um evento como esse já na 7ª edição, que abre a oportunidade para que eles percebam o que é a ciência. Esse evento leva a ciência para os jovens e isso é muito bonito.

Deixe um recado para os nossos jovens, falando como eles podem manter-se interessados pela ciência nos tempos atuais e como eles podem, mantendo-se interessados, contribuir para uma sociedade onde consigamos resolver melhor e de forma mais concreta os problemas usando a ciência.

ELIANE AZEVEDO: Muitos problemas atuais foram criados pela ciência, que tem um lado que nos beneficia e também tem seu lado prejudicial, que como um remédio, sempre tem um efeito adverso. É muito importante que o indivíduo tenha consciência que a ciência traz o progresso e o subproduto do progresso muitos vezes é prejudicial à natureza. A ciência aglutina nela toda a questão da vida no planeta terra e no universo, buscar esse saber é de um fascínio fantástico. As pessoas são felizes à medida que fazem o que gostam. A primeira coisa que se deve levar em consideração ao tomar-se a decisão de ser cientista é: a vontade interior e a curiosidade que nunca de esgota.

FALA PARTICIPANTE



Quero representar um colégio da periferia que não é muito conhecido. Mostrar que pessoas da periferia também podem exibir conhecimento e têm o direito de aprender!

Camila Brito, 16 anos,
Colégio Estadual Ana Cristina
Prazeres Mata Pires



Espero encontrar coisas novas, invenções e ouvir pontos de vistas diferentes de adolescentes sobre coisas novas!

Rebeca Pinho, 16 anos,
Colégio Integral



Espero que o evento seja legal como nos outros anos. Quero adquirir conhecimento e melhorar a oratória!

Antônio Morais, 17 anos,
Colégio Antônio Vieira



Espero ver um toque de inovação, quero saber de artigos científicos, já que é um evento voltado para a ciência!

Patrick Guilherme da Silva, 16 anos,
Escola Djalma Pessoa Sesi Piatã



Espero que seja algo espetacular, quero aprender coisas pra vida.

Diego Carvalho, 12 anos,
Colégio Antônio Vieira

Pretendo não só expor o que aprendi sobre a metodologia científica, mas aprender com os outros participantes!

Bárbara Vieira, 18 anos,
Escola Djalma Pessoa Sesi Piatã



Quero que o meu trabalho seja bem avaliado. Vou apresentar sobre gripe para as pessoas conhecerem mais.

Luana Rey de Moraes, 11 anos,
Colégio Antônio Vieira